

DEBATES

O MUNDO DIVINIZADO

José Luiz Archanjo
Fondation Teilhard de Chardin (Paris)

Em abril de 1926, com quase 45 anos de idade, o Padre Pierre Teilhard de Chardin, s.j. — tendo a expressão de seu pensamento drasticamente limitada por seus superiores eclesiásticos que o levaram também a renunciar ao magistério, ao apostolado e à vida intelectual de Paris — retorna à “Missão Paleontológica Francesa” em Tientsin, na China, onde estivera ano e meio antes, em estágio científico e expedições paleontológicas.

Mesmo sob o terrível impacto de tal reviravolta numa carreira de sacerdote e pesquisador que já se patenteava como das mais brilhantes, ele procura dolorosamente a fórmula que deverá assumir sua fidelidade existencial. Com autêntico espírito de obediência, cultivado desde a infância, conclui que a Igreja e a Companhia de Jesus são seu ponto de inserção no Mundo, não obstante os conselhos de muitos no sentido de convencê-lo a deixar até mesmo o sacerdócio em função de uma total liberdade de pensamento e expressão.

Sem saber, talvez, então, que essa espécie de exílio camuflado e restrições de tal ordem pesariam sobre ele até o final de seus dias, Teilhard procura empenhar-se animadamente em suas pesquisas e, em novembro daquele ano, aproveitando tempo disponível entre uma expedição e outra, põe-se a ordenar e registrar idéias que lhe esboçavam o espírito havia já algum tempo. Lenta e definitivamente, tais idéias tinham amadurecido no ritmo de seu desenvolvimento interior e ao calor de suas múltiplas vivências como homem de ciência e de fé.

Elas diziam respeito ao sentido maior de nosso estar no Mundo: a construção de uma obra para sempre, o próprio Mundo, levado a uma plenitude que o torne digno de ser incorporado na Perfeição Divina; ou, inversamente considerando, realizado até uma consumação que o torne apto a ser a Transparência de Deus.

Por vastas e majestosas que possam parecer — e, de fato, são — tais proposições, elas não dão origem a um tratado filosófico ou teológico, pelo menos na intenção do autor. Pelo contrário, constituem, segundo ele, apenas um testemunho psicológico pessoal acerca de sua vida ou visão interior, traduzindo-se uma postura prática diante da realidade.

Ele mesmo descreve sua motivação imediata:

“(...) e como começasse a me sentir vazio de ocupações, decidi elaborar, à maneira de livro quase de piedade, essas formas de espiritualidade (...). Levam por título *O Meio Divino*. Nada de novo, portanto, a não ser o esforço para expressar meus pontos de vista como atitude prática, acessível a todos, com a menor aparência possível de pretensões sistemáticas” (cf. carta de 8/11/1926),

e, em várias oportunidades, reafirma e explicita o seu projeto de escrever um

“livro de piedade (...) espécie de doutrina ascética ou mística que eu vivo e prego de há muito (...) nada de esotérico e um estrito mínimo de filosofia

explicitada; um tratado, simples na forma, e quanto possível ortodoxo e desprovido de pretensões sistemáticas, sobre a 'vida interior' (...): breve Tratado de espiritualidade (...) essência do que tenho pregado durante os meus retiros, isto é, o método de 'divinizar tudo'; breve 'Tratado de vida espiritual.'" (Cf. cartas de 7, 12 e 31/11/1926.)

Acontece porém que, ao registrar perspectivas que, na verdade, constituíam as soluções de seus próprios conflitos pessoais, Teilhard estava, de fato, exprimindo o que vem a ser, fundamentalmente, o conflito do Homem Contemporâneo: por que, como e para que agir ?

Nessas três indagações está contida toda a Problemática da Ação, decorrente ela mesma da Problemática da Visão.

Com efeito, a Ciência e a Técnica nos permitiram ampliações tão desmesuradas de nossa ótica sobre o Universo circundante, que fomos obrigados a reformular nossas mais caras concepções acerca do Real e de nosso lugar e valor exato dentro dele. Nosso antigo e ingênuo antropocentrismo encontrou-se assim de tal modo abalado, que entramos em verdadeira crise cultural, isto é, tivemos que reavaliar, julgar e sopesar nossas tradicionais maneiras de ser, pensar, sentir e agir.

Essa crise atingiu profundamente nossa confiança na vida e os nossos "Humanismos", por assim dizer, des-humanizaram-se, reduzindo-se nossa existência a um "estar-aí-lançado", por acaso, sem razão, num absurdo fundamental, ou, então, a uma historicidade direcionada a serviço de melhores dias, de um Super-Homem, de uma Super-Raça, ou de uma Supercivilização.

Evidentemente não faltaram os cultos aos instrumentos de nossa nova visão: O Cientismo e o Tecnicismo elevaram-se como deflagradores e solucionadores de todos os nossos problemas.

Mundo superdimensionado, Homem definitivamente subdimensionado ou historicamente procurando se superdimensionar...

Qual a posição reativa de Teilhard — homem, cidadão do Mundo — diante desse quadro ?

Lúcido perante a Ciência e a Técnica, ele se dimensiona para o Universo através de um **Sentido da Terra** (descobrindo-se solidário à estrutura planetária que levou a Humanidade a constituir em torno da Terra uma verdadeira esfera de pensamento, a Noosfera) reforçado e embasado por um **Sentido Cósmico** (descobrindo-se em contato e íntima ligação com todo o Universo de forma que lhe apreenda a unidade de fundo por sob a multiplicidade aparente).

Coerente para com o Homem, ele se dimensiona enquanto tal, desenvolvendo um **Sentido Humano**, isto é, uma tomada de consciência da Humanidade como totalidade tangível e concreta, capaz de tomar nas mãos a sua própria evolução e de construir o seu próprio Futuro.

Evidentemente, tais **Sentidos**, manifestando-se primeiro como sensações e/ou sentimentos intuitivos, merecem toda uma elaboração intelectual — através de reflexões, meditações e escritos — que lhes confere o estatuto de fiéis parâmetros para uma auto-avaliação do Homem e para uma avaliação do Universo, avaliações essas que resultam em síntese de todo o Real. Este não é senão vasto processo evolutivo de unificação do Múltiplo, onde o Homem se encontra em lugar de destaque, dadas a sua

complexidade material e sua consciência espiritual: não mais o centro geométrico e jurídico de um Universo estático, como no Velho Antropocentrismo de Posição, mas ponto culminante ou flecha da Evolução.

Nessa concepção de uma Evolução Cósmica e de um Neo-Antropocentrismo de Movimento, pode o Homem, portanto, encontrar uma saída mais coerente para a sua razão, fecunda para a sua ação e digna para a sua situação.

Entretanto, como se resolve a mesma questão "Mundo vs. Homem" para aqueles que crêem? Para aqueles que divisam uma transcendência para além da História, uma dimensão absoluta acima de toda a relatividade, um Deus para além do Mundo e do Homem?

Qual será a resposta do cristão, em particular, à tríplice indagação do "por que, como e para que agir?"

Avesso ao materialismo grosseiro pela própria essência de sua fé, inconformável ao materialismo filosófico (para o qual a religião é alienante) pela própria essência de sua esperança, como realizará ele a essência de sua caridade, senão desencarnando-se, isto é, deixando de participar normalmente da fé e da esperança humanas, desinteressando-se dos progressos terrenos e da evolução universal, vivendo a sua espiritualidade noutro nível que não o humano, terreno ou cósmico e evadindo-se para outro plano, para um reino que não seja deste mundo?

Teilhard encontra outra saída. Completando e coroando os Sentidos Cósmico e Humano, é preciso que se desenvolva um Sentido Cristão, aquele que nos põe em contacto com as energias espirituais irradiantes do Cristo, Filho do Homem, Filho de Deus vivo, o próprio Deus encarnado que, tendo criado o Homem e o Mundo, amou-os tanto que deles quis revestir-se, neles quis manifestar-se historicamente, através deles transparece progressivamente e com eles será Plenitude eternamente.

O Cósmico e o Crístico, portanto, em conjunção através do Humano devem levar-nos a

"(...) procurar uma via rumo ao Céu (não mediana, mas sintética) em que todo o dinamismo da Matéria e da Carne passe para a Gênese do Espírito. (...) atingir o Céu pela construção da Terra. Cristificar a Matéria". (Cf. "O Coração da Matéria"/1950.)

Eis por que pode o Cristão amar ao Homem e ao Mundo: ambos estão impregnados da Presença Divina. Deus é o seu ambiente, sua atmosfera, sua condição básica de vida e existência, o seu meio por excelência. Todo o Real é um só imenso "Meio Divino".

Ninguém precisa temer o Mundo. Todos podem amar o Mundo e o Cristão mais do que ninguém. Realizar o Homem e o Mundo, construir a Terra é co-criar, criar com Deus, co-laborar na Sua obra de Criação que, aos nossos olhos, prossegue através da Evolução; é, em última instância, trabalhar com Deus para a consumação do Corpo Místico de Cristo.

Assim o Cristão é bem o homem entusiasta, progressivo, otimista e de "coração ardente" que, equilibradamente, descobre que, na sua encarnação e historicidade, santidade é também sanidade e esta exige presença, testemunho e, sobretudo fidelidade.

A fidelidade existencial do Cristão emerge pois de sua **visão** e alimenta-se de sua **ação** (que pode ser até mesmo além de conquista, renúncia e desapego, ultrapassagem das coisas e das pessoas) ou então de sua **paixão**, isto é, de suas passividades que ocorrem quando ele se esvazia para que Deus o preencha, quando ele se diminui para que o Cristo nele cresça, quando ele morre para que a Vida eterna se manifeste.

Tanto quanto todos os homens e até mais que eles, o Cristão é alguém que **promove** o Real, divinizando o Mundo e consumando o Homem. O seu Cristianismo constitui um autêntico Super-Humanismo, de virtudes operantes: uma fé que consagra, uma esperança expectante que invoca, uma fidelidade-caridade que unifica e une, em comum união, em comunhão universal, em comunhão dos Santos.

Eis como Teilhard resolve pessoalmente a problemática da Ação e, ao fazê-lo, está, de fato, através de sua obra, apresentando algo mais que o mero relato de uma experiência psicológica particular está-nos oferecendo um modelo ou paradigma personalizado de uma experiência cultural universal.

O seu "Tratado de Vida Interior" pode, portanto, vir a se constituir no grande livro de espiritualidade do século XX, como o foram em suas épocas, a "Imitação de Cristo", os "Exercícios Espirituais" ou a "Introdução à Vida Devota".

E, como tal, deve ser lido. No mesmo espírito em que o autor o escreveu:

"lentamente, tranqüilamente, vivendo-o e meditando-o como uma oração: suavemente como uma prece". (Cf. cartas citadas anteriormente.)

Adentrando por essa intimidade orante, encontramos, de partida, a orientação das reflexões que ela contém: a obra é dedicada "para aqueles que amam o mundo"... logo identificados como "os inquietos de dentro e de fora", isto é, aqueles que não conseguem conciliar o seu "ideal religioso humano" e o seu "ideal religioso cristão", por recearem falsear-se ou diminuir-se, desencarnando-se ou alienando-se, para ingressar no caminho evangélico, abrindo mão de suas inatas, naturais e instintivas atrações pela Terra.

Sim, cada homem tem a sua própria vocação, um chamamento ou apelo interior para a sua plena auto-realização, desabrochar de todas as suas potencialidades. Mas essa vocação pessoal não é senão expressão fragmentária, histórica, empírica e situacional da profunda vocação humana universal, global, eterna, necessária e permanente: a vocação de criar o seu Mundo, de co-criar com Deus o Universo e de, por fim, unir-se harmoniosamente, sem em nada se perder, à totalidade do Todo em Plenitude.

Sua existência é o seu campo de provas. É nos limites de sua duração que ele deve encontrar e percorrer o caminho que o fará "ir-se fazendo", que o conduzirá a essa estruturação contínua e evolutiva de sua realidade, que o levará enfim à Grande Síntese.

A experiência nos revela essa existência dividindo-se em dupla pulsação: atividade e passividade, agir e padecer, fazer e sofrer.

Para aquele que tem por meta alcançar o Divino em si, trata-se então de "tudo divinizar".

Primeiro as **atividades**, atos e fatos (feitos) que valem não somente pela intenção com que se realizam mas também por seu resultado efetivo, uma vez que,

por mínimos que sejam, constituem todos micro-estruturações do Real e, por isso mesmo, cooperações na consumação do Mundo em Deus. Através de nossos atos e fatos, o Mundo evolui e se sintetiza para nós e nós próprios evoluímos e nos sintetizamos para Deus. Assim, pela ação, entramos em autêntica “comum união” de tudo com tudo, e, na perfeição que buscamos em cada ato, tanto santificamos qualquer esforço humano como humanizamos o esforço tipicamente cristão.

Não nos esqueçamos contudo de que cada ato ou fato, num percurso evolutivo, deve ter sempre o significado de um marco a atingir e a ultrapassar. Agir e fazer, portanto; mas evolutivamente, superativamente, desapeadamente.

E não é à renúncia do “já conquistado” que nos convida insistentemente o “a conquistar”?

Nesse processo de auto-realização, construção, posse, conquista e desapego, ampliam-se os nossos ideais. E, de tal forma, que de súbito dá-se a conversão, manifestando a outra dimensão pulsante de nossa existência, a das **passividades**.

Aqui, trata-se de divinizar também o que não fazemos, o que antes é feito em nós, aquilo que em nós depende de energias infinitamente superiores a nós. De um lado, a **passividades de crescimento**, pelas quais recebemos aquelas energias e as integramos ao nosso ser a fim de aumentá-lo e crescer; de outro, as **passividades de diminuição**, pelas quais aquelas energias nos destroem, esvaziando-nos de nós para que — se consentirmos — o mais Perfeito em nós tome lugar.

Em ambas é preciso apreender a **presença divina**. Nas primeiras, talvez não seja tão difícil fazê-lo. Não é comum identificarmos o alento de um Absoluto em todo grandioso que nos domina, arrebatava e exalta, mesmo temerosos diante do Desconhecido ameaçador? Afinal, ainda que confusamente, é a Vida que chega a nós em tudo e através de tudo o que nos pode fazer crescer...

Mas, como apreender a presença divina nas passividades que nos parecem fontes e ocasião de diminuição? Como pode Deus estar presente nos obstáculos, nas ameaças, nos perigos, nas agressões, incidentes, acidentes, dores, choques, mutilações, defeitos, deformações, inferioridades, enfermidades, envelhecimentos, degenerescências e mortes? E, no entanto, Ele aí pode estar se o quisermos. Pela força de nossa fé. E de um modo, por assim dizer, tipicamente divino: primeiro, lutando conosco contra o Mal; em seguida, aproveitando nossas inevitáveis derrotas para o triunfo do Mundo; em todo caso, transfigurando, convertendo, transmutando Morte em Vida, Mal em Bem, Imperfeição em Perfeição; e, em última instância, unindo-nos a Si em comunhão.

Nessa perspectiva, a Sua Vontade só é atingida, a cada instante, no extremo limite de minha própria expansão, no ponto em que minha atividade orientada para o ser-mais, por si só, nada mais pode e então, sem deixar de ser fiel, rende-se, entregando-se confiante a uma necessária superação da aniquilação máxima, “super-ação” que é **comunhão de resignação**.

Para quem consegue assim dimensionar a sua existência, o Real, todo o Real e o Real todo, torna-se de fato, um magno ambiente de ser e existir, o clima propício à realização de sua autêntica vocação pessoal e humana, o meio que já é transparência da Grande Síntese, o **Meio Divino**, no qual “vivimus, movemur et sumus”...

Imenso como o Mundo, ele pode-se concentrar e precisar-se no encanto e cordialidade das pessoas humanas.

Amplo e inumerável como as criaturas que sustenta e super-anima, ele guarda, ao mesmo tempo, a transcendência que lhe permite conduzi-las todas, sem confusão, à sua pessoal Unidade.

Próximo e tangível — pois em tudo e todos, por tudo e todos, nos toca e pressiona — afasta-se sempre mais como um valor-horizonte, atraindo-nos para o centro comum de toda a plenitude.

E todos esses atributos decorrem exatamente de ser ele, o próprio Deus, ponto último de convergência de todas as realidades, um Centro, pelo qual, com o qual e no qual tudo se toca, re-une-se e se consuma, diferenciando-se.

É imediata e impositiva a identificação desse Centro com o foco histórico que constitui a **Epifania**, a manifestação do contacto humano-divino na pessoa de Jesus Cristo. Todo o eixo tradicional pelo qual o Cristianismo se expandiu, desde então não foi senão progressiva irradiação daquele Centro que vai invadindo o Cosmo inteiro em crescente **Diafania**, transparência de sua onipresença.

Esse anunciar-se, evidenciar-se, mostrar-se, revelar-se, transparecer enfim, patenteia que o Meio Divino é o próprio Verbo de Deus encarnado, Jesus Cristo, impregnando, para nós, o Universo de sua onipresença em vista da constituição final de um Todo — união, comunhão de toda a Criação com o Incriado, síntese do Múltiplo no Um — que é Repleção Quantitativa e Plenitude Qualitativa: o **Pleroma**.

O Pleroma... Misteriosa realidade que vamos estabelecendo, um pouco a cada instante, ao longo de todo o espaço-tempo, através de nossas consagrações (e para toda a Matéria se estende "Isto é o Meu Corpo"), de nossas comunhões (a Perfeição entrando no Homem), de nossas vidas (a Perfeição imprimindo-se no Mundo), de nossas mortes (o Mundo liberando o Espírito para Deus).

Assim o **Meio Divino**, esse "Reino de Deus" que está dentro de nós mesmos, surge em cada mente e coração humano como um sentido (não necessariamente sentimento) de totalidade: a percepção da onipresença divina. Prolonga-se por nossa pureza (busca dessa presença acima de tudo), por nossa fé (que a partir daí opera a sobre-animação do Universo), por nossa fidelidade (lealdade a um Deus que é para nós o eterno Descobrimento e o eterno Crescimento).

Há um ponto privilegiado, ponto único em que pode nascer para cada homem, a cada momento, o Meio Divino. Mas esse ponto não é um lugar fixo no Universo. É, antes, um centro móvel que devemos seguir como os Magos seguiram sua estrela.

Seja qual for nossa vocação pessoal, se seguida com aquelas virtudes de pureza, fé e fidelidade, levar-nos-á sempre para mais alto. E esse mais alto é a Perfeição.

Desejos maiores sobrepondo-se a desejos menores, renúncias prevalecendo sobre satisfações, mortes consumando vidas — assim vamos todos atingindo, mais ou menos depressa, um plano de menor egoísmo, um plano de maior união, um plano em que tudo o que ainda não é o Um passa a ser, não rejeitado ou evitado, mas assimilado e transposto.

Nessa evolução chegamos ao plano máximo da Caridade.

Definitivamente unificado no Pleroma, o Meio Divino deve começar a se unificar desde já em nossas existências e essa unificação só é possível quando as nossas existências, elas próprias, começam a se unir entre si. Eis a nossa **“tensão de comunhão”** impelindo-nos à consumação definitiva de nosso ser no encontro com o próximo e, através dele, no encontro com Deus.

Nenhuma dessas idéias foge às grandes verdades do Cristianismo mais tradicional — o do Batismo, da Cruz e da Eucaristia — simplesmente elas o arrancam de um Cosmo estático e pronto para projetá-lo numa **Cosmogênese**, isto é, num Cosmo dinâmico que ainda se faz. Em outras palavras: dão-nos o Cristianismo que assimilou o sentido da evolução, o sentido do humano e do **Para-Adiante**.

É para este último que estamos finalmente nos direcionando. E os cristãos, por esperança, mais até que todos os outros homens.

Um fim do Mundo, uma saída ou êxtase cósmico, o rompimento do véu fenomênico e a manifestação plena do Ser, a ultrapassagem extrema do natural e a evidência absoluta do sobrenatural, o triunfo do Um sobre o Múltiplo, a consumação do Corpo Místico, a Comunhão dos Santos, o Cristo em glória, a face de Deus, a **Parusia** — eis o que todos, consciente ou inconscientemente, esperamos.

Mas essa espera deve ser ansiosa, coletiva, atuante, pois é a acumulação de nossos desejos que fará por fim eclodir o Grande Dia.

A chama da esperança não pode pois se extinguir nunca. Antes cabe-nos reavivá-la custe o que custar. E, para fazê-lo, atualmente, não há senão um meio: humanizá-la.

Ninguém espera o Céu, senão na Terra.

A esperança expectante do divino precisa encarnar-se, identificando-se, de algum modo, com uma esperança totalmente humana, ou até apresentando-se como um prolongamento harmonioso da plena realização deste Mundo.

Olhemos à nossa volta. O que se passa ao nosso redor neste momento? Desordens sociais, conflitos, agitações, inquietude na massa dos povos. A Humanidade atravessa visivelmente uma grande crise de crescimento.

Obscuramente consciente da imensidade do Mundo, da grandeza do Espírito e do valor sagrado de toda a Verdade a ser conquistada, ela percebe o que lhe falta e conhece o seu próprio poder. Por isso avança mais entusiástica e violenta do que nunca em direção ao Futuro.

Cabe ao cristão incorporar-se resolutamente nessa imensa corrente e evidenciar aos demais homens que a Plenitude esperada por todos é bem o Cristo que ele mesmo espera e anuncia, Aquele que era, que é e que vem.

Uma multidão imensa constrói e investiga. Nos laboratórios, nos escritórios, nos desertos, nas ruas, nas fábricas, no fundo dos mares e na infinitude do espaço, nas cidades e nos campos, no enorme cadinho social, os homens multiplicam seus labores penosamente.

Tudo quanto neles efervesce de arte, ciência, técnica e pensamento tem um sentido maior: o de precipitar aquela Vinda gloriosa.

Ao **Trabalho** e à **Pesquisa** empreendidos, resta-nos então acrescentar apenas um sentido de profundo respeito e reverência perante o **Sagrado** que se evidencia a cada instante e em cada lugar, um sentido de **Adoração**.

Tais, em linhas rápidas e gerais, as perspectivas teilhardianas expressas em "O Meio Divino", obra quase impossível de resumir sem, de algum modo, desfigurar na grandeza de sua lógica e precisão, na verdade forte de suas proposições, na beleza de sua atmosfera íntima e, sobretudo, na santidade ousada de seu esforço para descobrir, reinstalar e revelar o Sagrado em nossas vidas.

Nenhum artigo, comentário ou estudo poderia, portanto, pretender jamais dispensar uma leitura direta do texto que em breve será editado em português.

Foi com essa certeza que desenvolvemos estas considerações. Esperamos que o leitor, entusiasta e otimista por temperamento humano, e tão carente de vida interior como a grande maioria de nossos contemporâneos, encontre aqui e na leitura urgente da obra do Pe. Teilhard, um incentivo real para a consecução de suas vocações maiores pessoal, humana e cristã, com fidelidade existencial permanente.